

Educação Rural: refletindo o passado, questionando o presente, desafiando o futuro

Noeli T. Pastro Signorini¹

Resumo: O texto incita o debate para uma reflexão ampla sobre a educação rural do Sudoeste do Paraná; um projeto coletivo, em parceria e que garanta a emancipação do homem e a sua permanência no campo.

Palavras-chave: Projeto, Educação, Homem do Campo.

No momento em que o Sudoeste do Paraná se articula para colocar a Região em destaque no contexto político/econômico do Estado e se definindo como "Corredor do Mercosul", cremos que é um momento singular e criativo para uma mobilização mais ampla e consistente, envolvendo também a problemática social, capaz de reconhecer as diferenças, superar as desigualdades, vencer os conflitos, pensar no homem sudoestino e na construção da sua cidadania.

Sendo, pois, o Sudoeste do Paraná uma região eminentemente agrícola, este é o ponto fundamental a considerar para se repensar um projeto de emancipação do homem do campo.

A conquista emancipatória do homem está intrinsecamente ligada às questões da educação. Esse fato, suscita amplas discussões, um debate crítico, uma forma de entendimento que viabilize a compreensão da realidade. Somente um novo projeto educacional maneira criativa, estimular a permanência do homem no campo.

A oportunidade permite a formulação de um projeto na busca de um ensino inovador para estabelecer e articular novas relações da escola com o homem do campo; uma nova proposta metodológica que possibilite a compreensão de uma sociedade cada vez mais complexa, mais competitiva, mais moderna.

¹ Professora do Depto. de Geografia da Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão - FACIBEL.

Entretanto, é necessário entendermos que profundas mudanças precisam ser operadas no sistema educacional pois o ser humano hoje vem fazendo

"um grande esforço para compreender o seu mundo e dar-lhe um sentido, um significado compreensivo" (LUCHESE, 1991: 22).

E, o homem do campo não foge à regra; ele já tem um corpo de conhecimento organizado que lhe permite ter um entendimento sobre a realidade na qual está inserido.

Por isso, é preciso fazer uma reflexão crítica sobre a educação rural; considerar as aspirações e os desejos do homem do campo; levar em conta seus valores, suas dúvidas, suas angústias, seus anseios. É a oportunidade de nos engajarmos num movimento para diminuir a marginalização desse homem e, através da educação, colocar ao seu alcance novas oportunidades, e num processo de construção, recuperar sua cidadania e identidade política.

Outra questão a considerar é como o homem campestre, na luta pela sobrevivência, numa economia cada vez mais globalizada, vai redimensionar a educação num movimento de superação das contradições decorrentes desse processo, desenvolvendo valores comunitários: a cooperação e o associativismo, visando a melhoria das condições de vida, a organização da produção e da sua propriedade.

Para LUCHESE (1991: 22):

"são as aspirações dos seres humanos, que dão sentido ao dia-a-dia, à luta, ao trabalho, à ação".

Daí então, considerarmos que esses valores, suas aspirações devem ser buscadas e realizadas. É preciso interpretar os ideais, os desejos e os anseios do homem do campo e, a partir desses valores, dos conceitos e da sua cultura nos propormos a questionar, na busca de um novo sentido, uma nova postura, uma proposta educacional que estimule a sua permanência no campo, considerando o seu bem estar e a luta pela sua emancipação.

Em que nos baseamos quando discutimos a educação rural? Que princípios norteiam nossas discussões? Qual é o principal objetivo de pensarmos uma nova escola para o meio rural? Qual é o seu papel? Qual o perfil do professor para esta escola? Qual o papel do professor frente a esta questão? Que proposta metodológica é capaz de nortear o processo pedagógico dessa escola?

Essas e tantas outras perguntas nos provocam uma constante atitude de inquietação e cada vez mais exige uma maior participação de toda a sociedade no processo educativo e nos impulsiona a que iniciemos um projeto que surja de nós mesmos. É preciso pensarmos juntos que rumo queremos dar à educação; é preciso descobrir a sua

essência para compreender e orientar crianças, adolescentes e jovens e nessa sociedade,

"valores que sejam suficientemente válidos para guiar a ação na direção que queremos ir". (LUCHESE, 1991: 29).

Nossa preocupação e compromisso está em buscar uma saída para a educação. É necessário uma articulação entre o urbano e o rural; e nesse processo considerar:

"a interface entre o urbano e o rural, a interrelação rural e urbano é definida no urbano sobre o rural, e este nível vive exatamente os dilemas de um projeto de modernização que se assenta nas estruturas coloniais e latifundiárias". (IOKOI, 1996: 138).

Desse modo, uma forma de entendimento que viabilize a compreensão da realidade do homem do campo deve considerar as finalidades mais amplas que se referem à conquista plena da cidadania, uma visão ampla da sociedade, oportunizando os meios de utilizar-se de conhecimentos que lhe dêem acesso à cultura, proporcione-lhe uma melhoria na qualidade de vida, acesso ao conhecimento dos meios de produção, das relações de trabalho e torná-lo um cidadão crítico e reflexivo, sem alienação.

Diante deste cenário,

"a educação é convocada, talvez prioritariamente para expressar uma nova relação entre desenvolvimento e democracia, como um dos fatores que podem contribuir para associar o crescimento econômico à melhoria da qualidade de vida e a consolidação dos valores democráticos. (MELLO, 1994: 31).

Sendo o conhecimento o resultado de uma prática solidária e o crescimento humano fruto da maturidade e da interação, o espaço rural precisa urgentemente ser reconhecido como valorativo na estratégia social.

A educação deve ser um instrumento de libertação, ela deve servir de instrumento de luta para superar as contradições. É possível pensar um projeto de emancipação da população rural, a nível regional, mediado pelo compromisso de recuperar a identidade do homem do campo e a emergência de se construir novos modelos de desenvolvimento para a agricultura, considerando o processo de modernização nas dimensões: social, política e econômica.

É preciso redimensionar as políticas educacionais para qualificar a educação na zona rural. Necessário se faz,

"estender a preocupação educativa à comunidade local, às famílias, é também importante não só para co-responsabilizar a sociedade mas também,

para garantir a valorização de escolaridade nas estratégias familiares de melhoria de vida". (MELLO, 1994: 111).

Outra questão que nos parece importante considerar na construção desse processo e a condição básica para concretização do mesmo é que deve ser construído em parceria fundamentado na liberdade pedagógica, democrática e não autoritária. Recriar as oportunidades no campo, desafiar as suas capacidades, possibilitar à própria pessoa um pensar crítico, a construir a sua liberdade, a sua felicidade.

Creio, que somente através de uma escola, produto da conquista social, centrada na agricultura familiar local ou regional, o homem do campo terá condições de superar os enfrentamentos decorrentes da crise econômica e os impactos das novas tecnologias e o progresso técnico que ameaçam a sobrevivência das comunidades rurais.

O homem do campo vive também uma crise de sua imagem como ser humano, a desvalorização cultural e, diante disso, não está sendo capaz de vislumbrar com clareza outra opção. Ele se depara também com novas exigências no âmbito social/político e econômico o que causa um confronto bastante singular com sua cultura.

Na perspectiva do futuro surgem novos paradigmas que tecem uma teia complexa de valores, princípios e escolhas. Porém, na tentativa de revalorizar os conhecimentos desse homem e recriar sua identidade num processo de construção coletiva, comunitária, temos de garantir-lhe a condição de cidadão, o gozo pleno de seus direitos, capaz de operar a transformação que é necessária ocorrer no campo: processo esse que pode desencadear-se a partir da escola e garantir a transformação da sociedade.

É preciso canalizar nossos esforços num amplo debate fundamentado nas experiências do homem do campo, nos seus saberes e na sua capacidade de criar.

Necessário se faz uma nova perspectiva para o campo, principalmente na área da educação, articulando-a com outras áreas e apontar para o futuro metas modernas, duradouras e que garantam a auto-afirmação do homem. É preciso encontrarmos novos caminhos, novas possibilidades, o surgimento de novas alternativas. Nesse contexto, deve-se levar em conta as especificidades da zona rural. Portanto,

"... a maneira de resolver o conflito seria o homem buscar-se como sujeito conhecedor, a partir de uma posição crítica sobre os paradigmas que se estão instaurando, em contraposição com os paradigmas perdidos". (NEVES, 1995: 51).

Trata-se de uma busca de soluções para os problemas que ameaçam o homem do campo e a sua permanência. Precisamos saber para onde queremos ir; que caminhos vamos escolher. Não um caminho pronto, pré-estabelecido, empacotado, é preciso construí-lo, juntos, em parceria. E, nesta construção,

"encontraremos outros construtores - já que são múltiplos os projetos e os investimentos pessoais - que nos poderão ajudar e nós a eles. O plural

nem sempre é fácil de ser vivido principalmente no caldo autoritário em que estamos imersos". (GARCIA, 1995: 62).

Portanto, a educação tem um papel importante a desempenhar ou seja, uma reflexão crítica a este modelo, que para GARCIA (1995) devem estar calcadas em cima de uma prática social concreta; e, esta prática deverá buscar a emergência de valores de solidariedade, liberdade e igualdade. O autor enfatiza ainda que se trata de:

"construir através de processos educativos, e neles mesmos formas solidárias igualitárias e plurais de convivência entre os homens". (p. 64).

Precisamos ousar e participar na construção do homem, juntar as forças na busca de um caminho coletivo. Aqui, é oportuno destacar a alusão que GARCIA (1995: 65) faz ao lembrar a expressão de uma aborígene australiana a um técnico e que enfatiza o que queremos propor:

"Se você veio para me ajudar, pode tomar o caminho de volta. Mas se creê na minha luta como parte de sua sobrevivência, então talvez possamos trabalhar juntos".

Não se trata de impor ao homem do campo um novo modelo mas, discutir e realimentar os seus sonhos, as suas expectativas e a partir daí, construir juntos o novo, a sua felicidade.

O desafio está lançado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GARCIA, Pedro B. Paradigmas em Crise e a Educação. in. BRANDÃO, Zaia (org.) A Crise dos Paradigmas e a Educação. 2ª ed., Cortez Editora, São Paulo, 1995.
- IOKOI, Zilda M. Gricoli. Os Dilemas Históricos da Questão Agrária no Brasil. in. Geografia, Política e Cidadania. Terra Livre, nº 11-12, AGB, 1996.
- LUCHESE, Cipriano C. Filosofia da Educação. Cortez Editora, São Paulo, S.P., 1991.
- MELLO, Guiomar N. Cidadania e Competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio. 3ª ed. Cortez Editora, São Paulo, S.P., 1994.
- NEVES, Maria A. C. Mamede. A Crise dos Paradigmas em Educação na Óptica da Psicologia. in. BRANDÃO, Zaia (org.) A Crise dos Paradigmas e a Educação. 2ª Ed, Cortez Editora, São Paulo, 1995.
- SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 11ª Ed., Autores Associados, São Paulo, 1993.